

# 1

## Introdução

Durante o estudo da obra de Clarice Lispector, especialmente dos seus textos produzidos depois dos anos 60, quando a autora passou a escrever buscando uma comunicação cada vez maior, vai ganhando forma uma personagem instigante, por que não dizer, envolvida paradoxalmente em mistérios e revelações. Num primeiro momento, ela surge aos olhos do outro sem formas ainda muito definidas, às vezes, ténue sombra a contornar o desenho que promete ser de cores vivas e impactantes. Trata-se de uma exilada em sua própria terra, em seu próprio mundo, mas que já carrega consigo a intuição de que o homem é seu discurso e que, ao falar, ele está sendo. Uma exilada que durante toda a sua vida tentou identificar e vasculhar os problemas que acompanham a linguagem e o sujeito, a partir do claro entendimento de que a palavra é paralelamente obstáculo e salvação.

À medida que avançamos no estudo clariciano, percebemos que esta personagem talvez tenha sido propositalmente criada com a intenção de estar sempre envolvida em uma aura de mistério e marcada por paradoxos. Na longa travessia que marcou sua existência, ela deu pistas aos leitores de que não deveriam confiar nela o tempo inteiro, quem sabe partindo da constatação primeira do paradoxo que é a linguagem. E então, gradativamente, no vasto caminho que atravessou, jornada de peripécias e mergulhos profundos, foi se tornando mais e mais nômade, se permitindo ultrapassar as barreiras do silêncio e da nostalgia que marcaram muito de sua travessia, rumo à comunicação mais efetiva, ao encontro amoroso com o seu outro – o leitor, ao "coração selvagem da vida". Assim, foi o leitor - e não poderia ser diferente em se tratando de uma personagem como ela - o eleito, foi com ele que nossa personagem finalmente tornou viável o encontro, tornou possível a comunicação.

Obviamente, a personagem rascunhada nos dois parágrafos anteriores é Clarice Lispector e aqui este estudo começa. Tomamos como ponto de partida o fato, praticamente incontestado, de que Clarice foi seu principal personagem e que, em muitas situações, ela pode ter sido os próprios leitores com os quais afirmava

trocar correspondências e confidências no período em que escreveu crônicas para o *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973. Os textos desta fase foram reunidos em *A descoberta do mundo* e são objeto de análise deste estudo.

Nos textos publicados no JB, Clarice aproveitou o espaço da sua coluna semanal para estreitar os laços com os leitores. Utilizando trechos de seus livros ainda inéditos - na maioria das vezes acrescentando apenas breves comentários na parte final dos mesmos, ou simplesmente trocando a terceira pela primeira pessoa - Clarice utilizou a brevidade do espaço jornalístico (quando comparado com o literário) e acabou se tornando mais próxima do leitor. E foi ficando cada vez mais nômade, menos clandestina. Quanto aos seus escritos, igualmente foram se transformando, de palavras do exílio e da clandestinidade, em palavras mais desenraizadas, livres e não-representativas. Da natureza experimental dos primeiros romances, de certa forma ainda mais próximos da representação do que da vivência, observamos uma transformação na obra clariciana, até chegar aos escritos que podemos denominar de tardios, das suas duas últimas décadas de vida. Textos, e neles incluímos os publicados no JB, fragmentados e não convencionais. Nesse sentido, os textos publicados na mídia impressa revelam importantes aspectos sobre o processo de criação de Clarice, além de vários episódios autobiográficos.

Portanto, a partir da consideração da trajetória literária de Clarice Lispector como marcada por dois movimentos fundamentais, o primeiro revelando uma autora introspectiva, estabelecendo um monólogo em grande parte dos textos que produziu, e o segundo apontando para uma autora em busca do diálogo com o outro, este trabalho tem o objetivo de sistematizar, em seus aspectos gerais, uma fase de diálogo e parceria que Clarice estabeleceu com seus leitores. Diálogo e parceria que estiveram presentes na coluna semanal do JB, no momento em que decidiu aceitar ficar mais próxima dos seus leitores, estabelecendo com eles um diálogo, às vezes constante, quase sempre, em semitons de confissão.

Aqui, podemos vislumbrar dois caminhos. O primeiro, entende que a citada interação com o leitor, presente nas crônicas do suplemento literário do JB, pode ter refletido na constituição de romances concomitantes da autora. Cumpre dizer, desde já, que várias passagens dos textos publicados no *Jornal do Brasil*

podem ser encontradas em romances que Clarice Lispector escreveu nos anos após a estréia de sua coluna semanal e vice-versa. Nesse sentido, tanto as crônicas como os contos, que constituem parte da obra da autora, indicam o reaproveitamento que Clarice fez de fragmentos em seus textos, permitindo que se flagrasse uma intratextualidade *sui-generis* em sua obra.

O segundo caminho é perceber que muitos dos textos publicados posteriormente em *A descoberta do mundo* poderiam ser colagens feitas a partir de fragmentos originalmente criados para outros textos. Contudo, a opção por um dos dois caminhos não é o mais importante, quando se analisa a escrita clariciana dos seus últimos anos. O que importa, mais do que qualquer outro aspecto, é a própria caminhada, a trajetória que Clarice percorreu, especialmente nestas suas últimas "paradas", quando esteve mais perto do leitor, mais confessional e íntima.

Como o objeto de estudo deste trabalho é a leitura dos textos de Clarice Lispector produzidos para jornal, a linha de interpretação desenvolvida implicará em privilegiar a abordagem do efeito recíproco autor/leitor, afastando-se do interesse pelos procedimentos da narrativa que privilegia estruturas e técnicas da escrita bastante exauridas pelo modelo analítico. Na linha de interpretação eleita, o sistema narrativo, ao invés de ser percebido como autônomo, será analisado em sua relação com o leitor.

Antes, porém, faz-se pertinente ressaltar a questão da linguagem, que se interpõe entre o autor e sua obra, estabelecendo uma relação ambígua, desvelamento e obstáculo à comunicação da subjetividade autoral e que vem a ser suporte para o diálogo com o leitor, isto é, o texto desta obra. Este aspecto será analisado no primeiro capítulo do presente estudo, quando também serão discutidos: o jogo ficcional presente no discurso literário; a categoria de ficcionalidade; o fato de tanto a produção como a recepção adequadas de textos literários não se pautarem em valores de verdade, que são prioritários no contexto referencial; e finalmente o questionamento da existência concreta (ou não) das relações com leitores que Clarice citava em seus textos. Afinal, no contexto clariciano, todos devem ser entendidos como personagens, inclusive a própria autora.

A citada relação vai, pois, desembocar numa outra relação – que se torna possível enquanto ampliação do eu no outro, ou seja, a relação leitor/autor. Desse

modo, autor, leitor, obra / linguagem são um modo de reflexão, que somente acontece no cruzamento dos dizeres. Por se preocupar primordialmente com este dizer, Clarice encarou a escrita como algo que concerne à comunicação com as pessoas, por isso, foi precisando tanto mais da presença dos seus leitores, junto aos quais empreendia a busca de uma linguagem, de um modo de escrever “verdadeiro”, que lhe valesse uma transparência diante da opacidade do verbo.

Ainda no primeiro capítulo, será tematizada a fragmentação nos textos claricianos. É já ordinária a referência ao estilo fragmentário da obra de Clarice, imputado à sua personalidade exótica, ao gosto da reclusão e ao ensimesmamento discursivo, na voga do fluxo de consciência. Contudo, queremos postular aqui uma outra hipótese para esta escrita por fragmentos, que no dizer de Maurice Blanchot corresponde a uma totalidade concentrada. Talvez seja possível verificar que o fragmento não concentra mas alude, por elipse, à presença do outro com quem a voz narrativa dialoga in absentia. Por aí tanto se poderia proceder à compreensão do estilo no monólogo – de eu para mim – quanto no diálogo, de mim para o leitor. O vazio, o silêncio, a interrupção reclamariam constantemente o outro; entre os fragmentos de sua fala, o tempo-espaço para ouvir e fazer-se ouvir o outro, com quem ela finalmente parece ter gosto de con-viver e encontrar: as crianças, os bichos, as empregadas e os leitores.

Também nesta parte do estudo, será discutida a questão da autoria e da escrita. Neste contexto, serão destacadas as referências ao estilo e à expressão, preocupação constante da autora, que caracterizam um processo de auto-reflexão e podem ser encontradas em diversos textos de *A descoberta do mundo*.

No segundo capítulo, para caracterizar este período de diálogo e parceria com seus leitores – a interação e intervenção dos leitores na constituição de sua ficção – este trabalho retomará as discussões que deslocaram o estudo, antes exclusivamente sobre o texto, para a relação texto-leitor. Entre as principais perspectivas destacam-se os trabalhos produzidos desde a Estética da Recepção, tanto nas vertentes semiológicas (Eco e Barthes) quanto nas sócio-interativas (Iser e Fish).

Desse modo, serão parcialmente revisitados Umberto Eco e sua abordagem semiótica; Wolfgang Iser e sua Teoria do Leitor Implícito; Jauss e a Teoria da Estética da Recepção; Stanley Fish e a tematização das comunidades

interpretativas. Também serão retomadas as contribuições dos pressupostos teóricos da sociologia do conhecimento, ferramentas utilizadas para o entendimento do processo da recepção literária. Igualmente serão revisitados aspectos da psicologia social como a base fundante do conceito de intersubjetividade.

Este estudo terá como contribuição - conforme será visto também no segundo capítulo - as análises semiológicas desenvolvidas nos anos 80, por P. Hamon e M. Otten, e que propunham como ponto de partida o detalhe do texto: no lugar de grandes modelos teóricos, análises pontuais, sendo a atividade da leitura apreendida em três campos nitidamente circunscritos: o texto para ler, o texto do leitor, a relação do texto com o leitor. Estes trabalhos tomaram por empréstimo aspectos dos sistemas de Wolfgang Iser e de Umberto Eco.

A leitura das crônicas de Clarice Lispector e de seu jogo com o outro adotará a figura do leitor real, como foi sugerida por Michel Picard nos ensaios “A leitura como jogo” (1986) e “Ler o tempo” (1989). Aqui, estamos diante do encontro com o leitor real, de carne e osso, que semanalmente abria, lia, dobrava, carregava consigo o suplemento literário do JB e entre cartas mencionadas nas crônicas se imiscuía na vida/obra da autora. Esta posição de Picard nega o leitor desencarnado dos modelos de Iser e Eco e, apesar das diferenças que mantêm umas com as outras, o paradigma destas teorias é o da recepção, transformando o leitor em sujeito ativo de um processo que se abre para muitas interpretações.

Na seqüência, ainda no segundo capítulo, este estudo se dedicará a verificar o diálogo estabelecido por Clarice com seus leitores, dos mais anônimos aos mais ilustres, nas crônicas do JB. Para tanto, serão citados e/ou analisados os textos de *A descoberta do mundo* em que a autora dialoga diretamente com seu leitor ou menciona este dialogo.

Finalmente, na terceira parte do estudo - depois da discussão envolvendo a classificação dos textos publicados na imprensa (seria oportuno classificá-los de crônicas ou simplesmente rotulá-los?) - será empreendida a análise do arejamento que os textos claricianos adquiriram ao serem publicados na mídia impressa. Ainda no terceiro capítulo, este estudo se dedicará à leitura mais atenta da relação da autora com seus leitores na sua ficção, paralelamente escrita, durante o período como cronista. Para tanto, serão tomados os romances *Uma aprendizagem ou O*

*livro dos prazeres* (1969); *Felicidade Clandestina* (1971); *Água viva* (1973), que estão nitidamente ligados ao movimento em direção aos leitores, visível nos textos publicados no Jornal do Brasil.

Este estudo, intertextual em relação às mais recentes pesquisas sobre Clarice Lispector e sua obra, aponta para a fecundidade dos seus escritos, nunca assaz examinada.